



Centro de Dresden,
na Alemanha:
mantido como
era há 200 anos

JEAN-BAPTISTE FABOUAN/AP



Bairro do Marais,
em Paris: intervenção
do governo salvou a
área da destruição

vale tanto para monumentos destruídos na II Guerra, a exemplo do centro barroco da cidade de Dresden, como para os feios prédios do comunismo erguidos na antiga Berlim Oriental. Entre as metrópoles, Londres talvez seja a mais arrojada em seu modelo, em que história e desenvolvimento caminham lado a lado. A capital inglesa busca uma solução híbrida em que edificações de grande relevância como o Parlamento e a Catedral de Saint Paul convivem com construções como a rodagigante à beira do Rio Tâmis e o prédio da Swiss Re projetado pelo arquiteto Norman Foster. “A preservação do patri-

mônio sempre foi um assunto controverso, em que medidas rejeitadas em um lugar são perfeitamente aceitáveis em outros”, diz o engenheiro Jackson Pereira, presidente da Comissão de Revitalização de Imóveis do Sindicato da Construção Civil do Rio de Janeiro.

Em cidades como o Rio, esse desafio se torna ainda mais complexo. Afinal, o que é, de fato, histórico? Até recentemente, especialistas em arquitetura defendiam a ideia de que só eram dignos de preservação monumentos e imóveis com características e elementos coloniais. Prédios em estilo eclético que dominaram a arquitetura

ra no início do século XX, por exemplo, eram considerados de importância menor. Tal linha de pensamento selou a sorte do Palácio Monroe, erguido na Cinelândia em 1906 e sede do Senado da República entre 1922 e a mudança da capital para Brasília, em 1960. O prédio suntuoso, batizado em homenagem ao presidente americano James Monroe (1758-1831) e localizado nos arredores do Teatro Municipal, foi considerado pouco significativo do ponto de vista histórico e demolido em meio às obras do metrô, em 1976. Um desastre. Além das discussões sobre o que preservar, a cidade enfrenta sérios problemas no que diz respeito às políticas de conservação dos imóveis tombados. Ou seja: como preservar. Um bom exemplo é o que acontece hoje no bairro de Santa Teresa, onde, desde 1985, há 1400 construções protegidas, a maioria delas em estado precário. O principal motivo é o alto preço das obras de restauração, que chega a ser 50% superior ao das reformas convencionais. Em razão desses valores, já existem dois pequenos prédios de apartamentos no Leblon completamente abandonados pelos moradores. “Esse é um risco que as edificações incluídas na lista correm. Custa caro mantê-las, e o problema é basicamente de quem mora nelas”, alerta o engenheiro Francisco José Fonseca, vice-presidente de patrimônio do clube Botafogo de Futebol e Regatas, cuja sede é tombada. Por essas e outras razões, é muito importante definir se estamos protegendo o passado para celebrar sua grandeza ou simplesmente por medo e incapacidade de planejar o futuro. As rachaduras no prédio de dona Eda sugerem a segunda opção. ■

**É IMPORTANTE DEFINIR SE VAMOS
PROTEGER O PASSADO PARA CELEBRAR SUA
GRANDEZA OU SIMPLEMENTE POR MEDO
E INCAPACIDADE DE PLANEJAR O FUTURO**